

# Tecendo Histórias de vida – Uma pesquisa com o Projeto da UNISÊNIOR do UNIARAXÁ.

Ivana Guimarães Lodi<sup>1</sup>  
Wendel Rodrigo de Almeida<sup>2</sup>

---

**Resumo:** Este artigo é resultado de um trabalho desenvolvido com a turma que participa do Programa Unisênior – Universidade aberta para a maturidade, e o curso de Pedagogia do Centro Universitário do Planalto de Araxá, que buscou conhecer um pouco sobre a formação escolar dos envolvidos e suas lembranças marcantes. O segmento da Terceira Idade apresenta-se em destaque em todo o mundo, sendo uma temática relevante no contexto social atualmente. Neste cenário, as atividades educativas destinadas a essa faixa etária volta-se para um âmbito diferenciado, não sendo percebida apenas como um meio de assistencialismo ou compensação. Para o levantamento dos dados deste trabalho, realizamos uma atividade com a turma da Unisênior, em que foi solicitado escrever uma carta contando algo sobre a sua vida escolar ou sobre lembranças marcantes desse tempo. As cartas foram encaminhadas aos alunos do curso de Pedagogia que as responderam. Após estas etapas, foi organizada uma oficina que aconteceu durante um evento científico da instituição para que as cartas fossem compartilhadas e os participantes pudessem se conhecer. Podemos dizer que a realização desta atividade oportunizou o conhecimento de histórias de vida ricas e únicas, que relatam não só características históricas dos tempos em que as mesmas foram vividas, como também, a oportunidade de repensar e valorizar diferentes momentos de formação na vida de todos os envolvidos, resgatando memórias muitas vezes adormecidas, tão caras e únicas na constituição de nossas identidades.

**Palavras chave:** Histórias de vida; Lembranças; Memórias; UNISÊNIOR.

---

**Abstract:** This paper is the result of work with the class from Unisênior Program – Open University to maturity – and the Faculty of Education of UNIARAXÁ University, which intended to know a little about the school education of those involved and their striking memories. The Third Age is highlighted worldwide, becoming a relevant topic in today social context. In this scenario, the educational activities aimed at this age group turns to

---

<sup>1</sup> Mestre, Professora e Coordenadora do curso de Pedagogia do UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá.

<sup>2</sup> Pró reitor de Administração do UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá e Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba - UNIUBE

a different level, not being perceived only as welfare or compensation. In order to collect data, we performed an activity with the class of Unisênior, that was asked to write a letter telling something about their school life or about striking memories of that time. The letters were addressed to the students of the Faculty of Education that responded. After these steps, a workshop was organized that took place during a scientific event of the institution when the letters were shared and participants could meet each other. We can say that this activity provided an opportunity of learning rich and unique life stories, reporting not only historical characteristics of the times in which they were experienced, but also the opportunity to rethink and value different times of life, rescuing memories often dormant, but so valuable and unique in the constitution of our identities.

**Keywords:** Life stories; Souvenirs; Memoirs; UNISENIOR.

---

*Sempre há um menino em todos os homens.  
A cada idade lhe cai bem uma conduta diferente.  
Os jovens andam em grupo, os adultos em pares e os velhos andam sós.  
Feliz é quem foi jovem em sua juventude e feliz é quem foi sábio em sua velhice.  
Todos desejamos chegar à velhice e todos negamos que tenhamos chegado.  
Não entendo isso dos anos: que, todavia, é bom vivê-los, mas não tê-los.”*  
Albert Camus

## 1 - Introdução:

Não se pode considerar o envelhecer humano apenas pelo contar dos anos, da idade, mas é preciso levar em consideração o papel dos idosos como agentes sociais, como cidadãos atuantes numa sociedade que impõe e cobra modelos que restringem e excluem esta imensa parcela social. Claro que o avanço da idade pode apresentar algumas limitações ou dificuldades que o próprio organismo impõe, mas isso não significa incapacidade para a realização de várias atividades e nem mesmo, para deixar de participar, de conviver, de viver.

Na sociedade atual o idoso tem sido considerado muitas vezes, como um incômodo, por não atuar dentro dos padrões que valorizam a juventude. Segundo Beauvoir (1990, p. 265), “é a classe dominante que impõe às pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela”.

A sociedade brasileira ainda não assimilou de maneira concreta e satisfatória a situação social do idoso, uma vez que a realidade em que este se encontra revela que as mínimas condições de sobrevivência nem sempre lhe são garantidas. Percebe-se que nesta realidade grande parte da população idosa sofre com estereótipos da velhice e problemas sociais (OLIVEIRA, 1999).

A estrutura da população brasileira já passou por diversas mudanças. Houve momentos da história em que tivemos crescimento natural acelerado, com número de jovens maior do que de idosos. Em outros momentos, tivemos queda no crescimento natural, e daí por diante a população oscilou muito quanto à estrutura etária.

A partir de 1970, as taxas de natalidade diminuíram gradativamente, em decorrência do ingresso das mulheres no mundo profissional, que passaram a não ter mais tempo para cuidar de filhos e a considerar os altos custos gerados para a educação de crianças.

Com a diminuição das taxas de natalidade, a população vai envelhecendo aos poucos. De acordo com estimativas elaboradas e divulgadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o número de idosos deverá aumentar. Por volta do ano de 2050, haverá, no Brasil, 73 idosos para cada 100 crianças. O estudo divulgou ainda que no ano de 2050 a população brasileira será de aproximadamente 215 milhões de habitantes. (FREITAS, s/d)

O envelhecimento populacional constitui uma das maiores conquistas do presente século. Poder chegar a uma idade avançada já não é mais privilégio de poucas pessoas. Em contraposição, muitas sociedades não são consequentes com essas mudanças demográficas, pois as mesmas atribuem valores relacionados à competitividade para seus grupos, valorizam a capacidade para o trabalho, para a independência e para a autonomia funcional (VELOZ; SCHULZE; CAMARGO, 1999).

Muitas pessoas de 60 anos ou mais lutaram por muito tempo por respeito e dignidade, por um salário justo e melhores condições de vida. Mas, o que se observa, é que o preconceito aliado à marginalização social e econômica faz com que o idoso transite num espaço restrito, sem grandes possibilidades aparentes de mudança.

Fato curioso e digno de comparação é o interesse da terceira idade pelo constante aprendizado. Enquanto a parcela de jovens estudantes universitários dedica sua vida em sair da universidade e começar a exercê-la de fato, os mais velhos tendem a procurar permanecer dentro das universidades, muitas vezes matriculando-se em novos cursos mesmo após o término recente de outro (aterceiraida.com, s/d). Isso comprova que a educação é cada vez mais percebida como necessidade para a formação de cidadãos conscientes e aptos para o convívio social.

Percebe-se que as pessoas na Terceira Idade têm muito para ensinar, porém ainda tem muito a aprender, demonstrando a necessidade em estarem em contato com novos conhecimentos e também, novas experiências. Os idosos possuem o direito à educação, previsto no Capítulo V, nos Artigos 20 a 25 do Estatuto do Idoso (Lei 10741/03).

“A educação tem um papel político fundamental, (...) ela deve desempenhar um papel eminentemente democrático, ser um lugar de encontro, de permanente troca de experiências” (GADOTTI, 1984, p.157).

A educação de adultos é definida por Andragogia, ou seja, a arte de ensinar para aprendizes que carregam a experiência e o conhecimento que vem da realidade da própria vida. Assim, o aprendizado é factível e aplicável e este aluno busca novos desafios e soluções de problemas, que farão diferença em suas vidas. Busca na realidade acadêmica a realização tanto profissional, se ainda está no mercado de trabalho, como pessoal, e aprende melhor quando o assunto é de valor imediato. O aluno adulto aprende com seus próprios erros e acertos e tem

imediate consciência do que não sabe e o quanto a falta de conhecimento o prejudica. Precisamos ter a capacidade de compreender que na educação dos adultos o currículo deve ser estabelecido em função da necessidade dos estudantes, pois são indivíduos independentes, autodirecionados (HANZE, s/d).

Nesse processo os alunos adultos aprendem compartilhando conceitos, e não somente recebendo informações a respeito. Desta coexistência e participação nos processos de decisão e de compreensão podem derivar contornos originais de resolução de problemas, de liderança, identidades e mudanças de atitudes em um espaço mais significativo (HANZE, s/d).

Freire (2005), diz que ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. Nesse sentido, o método andragógico estabelece alguns referenciais para que haja autonomia no processo de aprendizagem do adulto de modo a criar condições para que o participante possa intervir por meio de diálogos que favoreçam a interação, colaboração e cooperação, de modo a incentivar que ele apresente propostas de mudanças, questionamentos ao que está posto. É preciso criar espaço para que ele seja criativo e tenha iniciativa em suas ações de aprendizagem. O adulto aprende mais e melhor quando percebe que lhe é dada a autonomia para o seu crescimento pessoal e profissional.

A educação neste contexto possui um caráter transformador que ultrapassa a simples ideia de transmissão de informações e as pessoas mais velhas estão começando a ser percebidas como seres que pensam e que têm muito para ensinar, mas também, muito para aprender, desvelando a necessidade do contato com novos conhecimentos e experiências.

Sendo assim, o papel da educação nesta realidade torna-se fundamental, pois é através da mesma que os processos culturais presentes em nossa realidade poderão modificar-se e ganhar novas formas no pensamento destas pessoas, o que ressalta o papel democrático que a educação possui e as possibilidades de mudanças que ela acarreta.

Portanto, é essencial trabalhar e oferecer mecanismos que democratizem cada vez mais a educação como forma de instrumentalizar as pessoas com os conteúdos e informações valorizados pela sociedade, para que, uma vez dotados destes mecanismos de acesso ao saber e de senso crítico, possam ter melhores condições de vida e de trabalho (OLIVEIRA, 2001).

Como nos diz Neri (2004), a educação emerge como uma alavanca para o fortalecimento da autoestima e da integração dos idosos na sociedade, procurando transpor as limitações e os preconceitos que aprioristicamente são impostos para as pessoas mais velhas.

Diante deste cenário, as instituições de ensino superior, pela sua própria natureza e vocação, precisam ter compromisso com a excelência acadêmica e científica, e com o aprimoramento e desenvolvimento social e cultural do País. Também, devem ter visão e compromisso com a comunidade na qual está inserida. Assim, cada vez mais, as práticas de Responsabilidade Social, além de ser uma exigência, tornam-se um diferencial humano nas instituições de Ensino, particularmente, no Ensino superior.

Ecléa Bosi diz que é preciso lutar pelos velhos “porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara” (1994, p. 18).

O UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá, imbuído deste propósito, e consciente de seu papel social, desenvolve o Projeto Unisênior desde o ano de 2004, buscando oferecer atividades voltadas para a maior inserção e qualidade de vida das pessoas acima de 40 anos.

O Programa da Unisênior tem como objetivo contribuir para que as pessoas acima dos 40 anos possam melhor compreender e participar efetivamente em seu processo de consolidação da cidadania através de oportunidades que desenvolvam uma forma feliz de olhar o mundo e as pessoas com as quais vivem e convivem, redescobrimdo novas maneiras de ter prazer em viver com qualidade.

Também é um programa que permite o acesso à educação continuada através de atividades educativas, socioculturais, organizativas e de ação comunitária estimulando, muitas vezes, a reinserção social das pessoas na maturidade e valorizando sua contribuição efetiva na comunidade local.

## **2 - Buscando novos olhares**

O processo de envelhecimento exige que o mesmo seja compreendido como um fenômeno contemporâneo e desafiador, devendo ser considerados seus aspectos cronológico, biológico, psicológico, afetivo e social, inseridos na temporalidade e participante de uma cultura que espelha complexidade e para tal, precisam ser considerados “a construção social das gerações e se concretiza através do estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada uma delas, em diferentes etapas da história” (FERRIGNO, 2006, 18-19).

Sendo assim, buscar ouvir e compreender as lembranças e marcas que constituíram o que cada um se tornou, tem sido uma prática de pesquisa cada vez mais utilizada.

Imbuídos deste objetivo, procuramos conhecer um pouco sobre a identidade de um grupo de alunos participantes do Programa Unisênior do UNIARAXÁ. Para isso, foi realizada uma pesquisa como o objetivo de conhecer um pouco sobre a história da formação educativa destes alunos e as marcas que ficaram deste tempo. O intuito foi registrar as memórias, dar voz àqueles que muitas vezes não são ouvidos e com os quais temos o privilégio de conviver e muito aprender no cotidiano.

Esta investigação tomou por base o enfoque qualitativo conforme as características apresentadas por Triviños (1995), que tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave. É também descritiva já que se preocupa com o processo, com os significados que os sujeitos participantes atribuem aos fenômenos que envolvem suas vidas e sua identidade e, que foram essenciais para a sua realização já que cada um

interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas de vida e de morte e que esperança o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Assim, cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita (BOFF, 1999, p. 78).

A coleta de dados foi realizada com 15 alunos do Programa Unisênior do UNIARAXÁ, sendo 2 homens e 13 mulheres no primeiro semestre de 2014. Não tivemos nenhum critério de inclusão ou exclusão, participariam aqueles que quisessem. Os dados foram obtidos através da seguinte questão: “Conte sobre a sua vida escolar – em geral, ou sobre algum fato marcante”.

O relato foi feito de forma espontânea e escrito manualmente, como se eles estivessem escrevendo uma carta, e que esta seria enviada aos alunos do curso de Pedagogia da instituição, sendo que ninguém se conhecia. Os alunos da Pedagogia receberam as cartas e todas foram respondidas e entregues para a professora coordenadora da pesquisa e do curso de Pedagogia.

Também foi explicado que aconteceria uma Oficina durante a realização da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2014, em que as cartas seriam lidas pelos remetentes junto com as respostas que foram redigidas pelos alunos do curso de Pedagogia, momento em que os autores iriam se conhecer pessoalmente.

Na realização da Oficina – Histórias de vida, durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, no mês de outubro, todas as cartas foram lidas com suas respectivas respostas, momento em que a identidade de cada autor foi conhecida.

Como nos diz Bosi (1994, p. 20) “lembrar não é re-viver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”.

### 3 - Lembranças que não se perderam no tempo

Toda investigação nos lança em diversas interrogações e nos pede reflexão, crítica e a pensar e dizer sobre o que ainda não foi pensando, nem dito.

Os estudos sobre representações identitárias, utilizando da metodologia qualitativa, podem ser pensados como “(...) esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17). Chartier acredita que há algo específico no discurso histórico, no contar, pois este é construído a partir de técnicas específicas.

Quando perguntados sobre suas lembranças da formação educativa e de momentos marcantes uma das participantes diz:

“Já aprendi muito, aliás, foi a maior parte da minha vida que passei aprendendo. E até hoje fico impressionada com o tanto que ainda me continua desconhecido!

*Tenho uma admiração muito grande por vocês que estão ralando (e quanto!) (os alunos do curso de Pedagogia) para enfrentar o futuro, mas que para vocês estudantes, abrem muito mais portas”.*

E como resposta:

*“Hoje nós somos estudantes, agora amigas e poderíamos algum dia, quem sabe, até companheiras. Ficamos gratas pela admiração que você tem por nós e honradas por estar escrevendo esta carta para você”*

Diante destes relatos podemos pensar não só no respeito mútuo que se manifesta, mas no significado e sentido da ação educativa e que segundo Basso (1998), está relacionado à finalidade da atividade fixada socialmente, a “finalidade da ação de ensinar”, seu objetivo e sua prática cotidiana para que o aluno aprenda. Já sentido, tem a ver com o trabalho que o professor realiza, aquilo que o motiva a fazer o que faz e isso pode ser percebido pelos relatos apresentados.

Foi possível perceber como as lembranças foram marcantes e se fazem vivas até hoje:

“Me lembro que quando criança meu uniforme era um avental branco, mamãe colocava ele tão armado (é porque ela engomava o meu avental) e lá ia eu disputar com minhas amigas quem estava mais engomada, parecendo balões de gás.

Nunca me esqueci da minha primeira professora, aliás, da segunda, terceira, quarta etc. Dona Terezinha que me ensinou a ler e escrever as primeiras palavras.

Todos os dias, antes de entrar na sala de aula, cantávamos o Hino Nacional, com muito respeito. No recreio brincávamos de pega-pega, Amarelinha, Mãe rica, Mãe pobre. Acho que as crianças de hoje nem sabem o que é isso.

(...) Até hoje me sinto assim, não tenho medo de expor minhas opiniões, mesmo contrariando alguém. Não me arrependo de nada, vivi o que tinha que viver e fui uma menina muito feliz”.

Diante de tão simples e belas lembranças, podemos dizer que somos os lugares que nos fizeram as pessoas com as quais convivemos, a história de que participamos, a memória que carregamos. Expressamos a subjetividade social dos diferentes espaços sociais em que vivemos nos constantes processos de aprender e desaprender. Nenhuma de nossas atividades resulta de uma atividade isolada do conjunto de sentidos que caracterizam o mundo histórico e social da pessoa (REY, 2001).

Outra participante nos conta:

“É bem divertido falar sobre minha vida escolar. Foi legal e lembro até hoje da minha professora Aparecida Veloso da 4ª série primária. Eu gostava tanto dela que imitava ela tirar o esmalte das unhas. Como meu pai não deixava usar esmalte, eu passava lápis de cor nas unhas como se fossem as unhas dela.

Pegava carvão no fogão e dava aula no tempo disponível, escrevendo com carvão e falando sobre os apontamentos para a minha irmã mais nova.

(...) Meu pai foi muito severo, tínhamos que tirar notas boas.

(...) Acho que o meu tempo de escola foi muito melhor e respeitoso do que hoje em dia. O professor era muito importante e os alunos o consideravam como nossos segundos pais”.

Vejamos o que responderam os alunos do curso de Pedagogia:

“Minha vida escolar foi muito boa. Comecei a ir para a escola com 6 anos e tive uma professora muito inteligente e legal.

(...) Minha infância foi parecida com a sua, adorava brincar de escolinha com meus irmãos, mas na minha época já brincava com giz no muro. Era muito boa essa brincadeira. Naquela época eu já queria ser professora.

Meu pai também era severo demais, sempre brigava com a gente por causa das nossas notas ruins”.

Outra aluna do curso de Pedagogia diz:

“Admiro muito o respeito que você demonstra na carta sobre os estudos e pelo conhecimento. Sempre digo que conhecimento não ocupa espaço e admiro a quem está sempre se renovando”.

Observamos nestes relatos a importância que a educação tem na vida das pessoas, como também, o rigor com que era vivenciada. Também percebemos o quanto o ideal da professora mulher é reforçado dentro das famílias.

Quanto a isso recorremos ao que nos diz Del Priori (2009, p. 454):

As escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas, depois muitas; por fim os cursos normais tornam-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo faz desse um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras. A instituição e a sociedade utilizam múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar-lhes sua missão, desenhar-lhes um perfil próprio, confiar-lhes uma tarefa. A formação docente também se feminiza.

Ainda hoje esta realidade se espelha no cotidiano, diante do quadro do magistério fundamental em que a grande maioria ainda é constituída por mulhe-

res, como também nos cursos de formação de professores em que o número de homens é muito pequeno, algumas vezes nem existe. Como exemplo citamos o próprio curso de Pedagogia do UNIARAXÁ, nesta turma participante deste trabalho, que tem apenas 2 homens como estudantes.

Esta realidade feminina também pode ser evidenciada no seguinte relato:

“Eu estudei até a 8ª série. Na época eu tirei o primeiro lugar e tinha direito a uma bolsa. Mas meu pai foi contra eu continuar os estudos. Naquela época mulher tinha era que se casar. Mas não fiquei triste por isso, meus filhos são todos formados. No meu caso eu não formei, mas sempre gostei de ler”.

Uma característica que também foi percebida é a vida no meio rural. Muitos dos participantes relataram viver em fazendas e começar a estudar mais tarde, ou sobre as dificuldades para o estudo.

Vejamos um dos nossos relatos:

*“Vou lhe contar minha vida escolar. Quando iniciei a vida escolar morava em uma fazenda. Na época era muito difícil, mas não deixava de ser uma vida divertida. Para criança tudo é bom. Era uma vida simples mas confortável dentro do possível.*

A classe funcionava com vários tipos de crianças com várias idades e todas as séries juntas. A professora era muito brava”.

Outra participante complementa:

“Como foi difícil para estudar, morávamos em fazenda, não tínhamos nem um mero transporte. Vínhamos a pé, era longe, tinha que andar quase 2 km ou mais até chegar na escola. Era tudo muito diferente de hoje. Professores muito bravos, não entendiam as dificuldades que tínhamos.

(...) Quando me lembro do que passei para aprender ou pouco que sei dou um valor tão grande. Penso nas manhãs geladas, pouco agasalho, talvez pés descalços, mas era um tempo sem tanta violência como hoje.

Te digo que tudo que se vive, mesmo com dificuldades, vale a pena. É vivendo que se aprende. Já sou bem idosa, mas com muita disposição para o que der e vier. Tudo é válido com fé e esperança em Deus”.

Estes relatos, hoje, em pleno século XXI, ainda retratam uma realidade muito presente em nosso país. Escolas sem os mínimos recursos para desenvolver um trabalho eficiente e de qualidade. Professores sobrecarregados tendo que se desdobrar para “ensinar” em salas diversificadas em idades e momentos de aprendizagem. Também nos faz pensar que o professor, hoje tão desvalorizado e desrespeitado em seu cotidiano profissional, era, ao contrário, respeitado e reconhecido como profissional, mesmo com toda a sua rigidez.

Fica claro também a emoção e o reconhecimento pelo que se viveu e o que se tornou e que cada um de nós, constitui-se, ao mesmo tempo, síntese pessoal, individual e ativa de nossas vivências, um constante apropriar-se e reapropriar-se, de maneira singular, de tudo aquilo que nos envolve e nos constrói numa constante dialética do eu ao mundo e do mundo ao eu, pois

o bordado não é mágico, ele se faz com/pelo trabalho, nos acontecimentos no tempo, preenchendo os espaços já riscados na tela virgem e/ou aventurando-se na tela em riscados (e riscos) outros. Assim vamos nos incluindo em nossas relações de trabalho, resistindo às pressões a que somos submetidas no nosso dia-a-dia. Jogamos com as artimanhas da tela, blefamos como os jogadores, fingimos como os poetas, ocupamos espaços, delineamos ou destecemos fronteiras, introduzimos novos pontos no bordado, suprimimos outros, revemos planos, misturamos cores e fios... Tecendo, destecendo, constituímos-nos como profissionais (MEIRELES, 1983, p.20).

Percebe-se através dos relatos aqui expressos, o quanto esta atividade, além de resgatar a história de vida dos envolvidos e também recontar sobre contextos históricos do passado, permitiu o florescer de valores e emoções que nos são tão caros e que muitas vezes, no corre corre do viver, ficam esquecidas, ou adormecidas em nossas memórias e corações.

Exemplificamos esta percepção através dos seguintes relatos dos alunos da Pedagogia:

“Nos emocionamos bastante ao ler sua carta. (...) Pelo que contou, observamos que os tempos eram difíceis, mas com sua persistência e dedicação você vem conseguindo se desenvolver e ampliar seus conhecimentos.

Lembre-se que tempos difíceis nós passamos, mas o que realmente importa é como conseguimos nos levantar e superar os obstáculos impostos pela vida”.

Complementamos com outro relato de uma aluna da Pedagogia:

“Não há nesse mundo gratidão maior que a de receber de vocês um pouco de história, vivência e principalmente, afeto e doação. Escutá-los é uma honra.

Obrigada por dividir conosco um pouco do muito que vocês viveram e que muito acrescentará também à nossa história.

Obrigada por nos dar a oportunidade de conhecê-los, de dividirmos deliciosas e emocionantes histórias.

São as histórias que nos tornam quem somos e, eternos”.

Muitas vezes a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Acreditamos que a partir de um exame detalhado do que vivemos podemos entender o que somos hoje e até mesmo planejar nosso futuro. Pode-

mos encarar o que passou através de novos olhares, atribuindo ao vivido novos significados. As narrativas são capazes de atravessar os tempos e se colocarem abertas às interpretações e reflexões no hoje. “Singularidades e significação não se oferecem como comportamentos à observação direta. Antes, inscrevem-se nos gestos e nas posturas dos indivíduos, deixando marcas em seus corpos”. (FONTANA, 2005, p.105)

#### 4 - Considerações finais

Através das narrativas colhidas neste estudo, procuraremos recuperar e analisar alguns desses elementos constitutivos das identidades de alguns participantes do Projeto Unisênior do UNIARAXÁ, com o objetivo de não só registrar, mas analisar as diversas influências que os foram constituindo e instituindo enquanto pessoas. Bosi (1994, p. 407) nos fala que “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão”. Acreditamos que esta atividade, além de permitir lembrar o que nos constitui, permitiu a todos os participantes a oportunidade de se conhecer melhor, de se definir e de partilhar com outras pessoas e gerações, momentos de aprendizado, trocas e emoções tão caros e ricos e que muitas vezes não se expressam.

Não foi apenas uma atividade em que se relatou um pouco sobre as Histórias de vida escolar dos participantes. Foi uma oportunidade para resgatar memórias muitas vezes esquecidas, memórias marcantes de personagens muitas vezes desconhecidos, mas que tecem e escrevem no dia-a-dia, suas próprias histórias, ricas e inigualáveis. Não se tratou de uma amostragem, mas sim de um registro de lembranças, de imagens do passado que ressurgiram firmes, como se acabassem de acontecer, de histórias permeadas pelo individual e coletivo. Histórias únicas, entre lembranças e confissões que constituem a tecitura da própria vida.

Nas identidades que foram reveladas, descobrimos e conhecemos pessoas cheias de vida, com histórias tão bonitas e únicas. Histórias que tivemos a alegria de contar, identidades pessoais, construídas diariamente em tudo que foi e continua sendo vivido,

diferentes trajetórias e distintos momentos (..) Histórias no plural; formas de falar a vida (fora e dentro da escola) no plural; maneiras de mudar essa vida no plural também. E é nesse plural que reside a singularidade que faz de nós, seres humanos, que nos permite descontinuar para continuar. (KRAMER, 1993, p. 199)

Gostaríamos de ressaltar também, que embora os Programas das Universidades Abertas para a terceira idade estejam cada vez mais se proliferando na sociedade brasileira, ainda torna-se necessária a sensibilização da população e do

poder político para o problema da velhice que hoje está subordinado a outros problemas sociais e que, de certa forma, ainda é do interesse de poucos.

Ciente desta realidade e cumprindo com sua missão, o UNIARAXÁ oferece o Programa da Unisênior, pois reconhece a educação permanente como uma necessidade de ampliar a participação das pessoas acima de 40 anos na vida social e cultural da sociedade, visando a melhoria de suas relações interpessoais e da qualidade de vida, reforçando a esperança de um futuro melhor para todos.

Através da educação permanente assume-se uma nova concepção de vida humana, cujo princípio central é o de aprender a ser e principalmente, viver em sintonia com tudo aquilo que está ao nosso redor.

Ressaltamos a necessidade de um novo olhar da sociedade brasileira, em todos os seus âmbitos, valorizar as pessoas mais velhas como seres ativos e participantes, já que a mudança de perfil etário já percebido no país exige não só a preocupação da classe política, mas também de toda a sociedade civil, oferecendo-lhes maior espaço, oportunidades, respeito e reconhecimento.

Também destacamos que os resultados deste estudo ultrapassaram as expectativas dos dois lados participantes, pois foram momentos de muita alegria e trocas ricas de conhecimento e vida. Todos manifestaram o prazer em participar e a emoção que vivenciaram.

## Referências

A TERCEIRA IDADE.COM. **Um novo olhar sobre a educação na terceira idade**. Disponível em: <http://www.aterceiraidade.com/educacao-na-3a-idade/um-novo-olhar-sobre-a-educacao-na-terceira-idade-2/>. Acesso em: jan. 2015.

BASSO, Itacy Salgado. Significado e sentido do trabalho docente. **Caderno Cedex**, Campinas, v.19, n. 44, abr.1998.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Estatuto do Idoso - Lei 10741/03** | Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98301/estatuto-do-idoso-lei-10741-03>. Acesso em: jan. 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DEL PRIORI, Mary. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

FERRIGNO, J. C. A co-educação entre as gerações: um desafio da longevidade. **A terceira idade**. Sesc/SP, v. 17, n. 37, out/2006, p. 16-26.

Evidência, Araxá, v. 11, n. 11, p. 17-30, 2015

FONTANA, Roseli A. Cação; GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. “Por entre sombras”. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. (Orgs.) **Desatando os nós da formação docente**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p.05-22.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Eduardo de Freitas. **O número de idosos deverá aumentar no Brasil**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/brasil/o-numero-idosos-devera-aumentar-no-brasil.htm>. Acesso em: nov. 2014.

GADOTTI, M. **A educação contra a educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HANZE, Adélia. **Andragogia e a arte de ensinar os adultos**. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/andragogia.htm>. Acesso em: fev. 2015.

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras – arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.

MEIRELES, Cecília. “Contemplação”, In: \_\_\_\_\_. **Mar absoluto**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

NERI, A. L. **Velhice bem sucedida**. Campinas: Papirus, 2004.

OLIVEIRA, R. C. S. **Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis**. Campinas: Papirus, 1999.

\_\_\_\_\_ (org). **Sociologia: consensos e conflitos**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

REY, F. L. Gonzales. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24, 2001, Caxambu. **Anais**. ANPED, Caxambu, 2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br/24/te.htm>. Acesso em: jan. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais – a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VELOZ, M. C. T; SCHULZE, C. M. N; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia - Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p 479-501, 1999.

\* **Ivana Guimarães Lodi:**

**Currículo:** <http://lattes.cnpq.br/2928733474883886>

\* **Wendel Rodrigo de Almeida**

**Currículo:** <http://lattes.cnpq.br/7275167022394775>